

RUA DR. QUIRINO

Chamou-se antes rua do Meio e rua da Formiga
06-09-1848 foi denominada rua do Comércio
20-05-1886 por proposta do vereador Joaquim Mon-
teiro de Carvalho e Silva recebeu o nome de "Dr. Quirino"

Início na rua Afonso Pena

Término na rua Major Sólton

Centro

Obs.: As três primeiras ruas de Campinas foram:
rua de Baixo, rua do Meio e rua de Cima, respectivamente, as ruas Lu-
sitana, Dr. Quirino e Barão de Jaguará.

DR. QUIRINO

Francisco Quirino dos Santos nasceu em Campinas, a 14-07-1841 e faleceu em São Paulo, a 06-05-1886. Era filho de Joaquim Quirino dos Santos e Maria Francisca de Paula Santos e foi casado com Maria Cândida de Azevedo Marques com quem teve dez filhos. Em 1850 ingressou na única escola pública que havia em Campinas, onde permaneceu apenas oito meses, retornando para a fazenda onde nasceu, às margens do rio Atibáia, onde se entregava à leitura de poetas brasileiros e portugueses. Já aos doze anos de idade, fazia sua estréia nas letras, compondo uma sátira. Mais tarde, seguiu para São Paulo, ingressando na Faculdade de Direito, em 1863. Quando acadêmico, foi o responsável, na capital paulista, pelo jornal literário "Lírio" e pela folha política "Razão", que contava também com a colaboração de seu irmão João Quirino do Nascimento. Formado, passou a dirigir o "Correio Paulistano", de onde já era colaborador, de propriedade de seu sogro José Roberto de Azevedo Marques. Voltando para Campinas abriu escritório de advocacia, mas em 1865, transferiu-se para Santos, por haver sido nomeado promotor público e de onde foi demitido, por questões políticas, em 1867. Voltando para Campinas, funda a "Gazeta de Campinas", iniciando a publicação em 31-10-1869. A Gazeta marcou sua existência, sendo um jornal vibrante, mas sempre orientado por princípios ou altos ideais políticos e em cuja redação participaram os maiores nomes da imprensa, da política e da literatura de então. Ao mesmo tempo, Quirino dos Santos se encarregava da parte literária. Foi abolicionista, propagandista da República, deputado provincial, brilhante orador, poeta, romancista e dramaturgo. Deixou as seguintes obras: "Estrelas Errantes", "A Filha da Judia", "Campinas", "Carlos Gomes", "A Nova Louzã", "A Lenda do Sací", "A Virgem Guaraviaba". Foi sócio de quase todas as instituições culturais de São Paulo e pertencia, como membro correspondente, à Sociedade de Geografia de Lisboa.



• PRAÇAS, RUAS E AVENIDAS DE CAMPINAS
(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARAES)

VII

DR. QUIRINO

(Começa na rua Proença e termina rua Major Solon. Liga o Jardim Primavera (campo da Ponte Preta) ao centro da cidade.) A denominação foi dada em 20 de Maio de 1886, por proposta do vereador Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva, quando foi retirada a denominação de rua do Comércio (dados compilados por Edmo Luchini Goulart, para a publicação de sua autoria "Ruas da Época Imperial"). Chamou-se antes, rua do Melo, que juntamente com a rua Barão de Jaguará e Luzitana, foram as primeiras artérias da cidade. Tem 8,50 metros de largura. Dados Biográficos: O dr. Francisco Quirino dos Santos, fundador da imprensa regular em Campinas, nasceu nesta cidade aos 14 de Julho de 1841 e faleceu em São Paulo aos 6 de Maio de 1886, era filho de Joaquim Quirino dos Santos e de d. Maria Francisca de Paula Santos. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1863 exerceu a advocacia em Campinas, transferindo-se, em 1865, para a cidade de Santos, por ter sido nomeado promotor público. Foi Membro Ativo da Sociedade de Geografia de Lisboa. Em 21 de Julho de 1869, iniciou a publicação da "Gazeta de Campinas", até o ano de 1886, quando passou a exercer exclusivamente a profissão forense. Em 1886 foi eleito deputado provincial, desenvolvendo grande atividade como parlamentar. Foi abolicionista e propagandista da República. Notável orador, dramaturgo e romancista, deixou as seguintes obras: "A Judia", drama; "Estrelas errantes", poesia — livro que o notabilizou em Portugal. Foi reeditado por tres vezes, sendo a ultima sob a direção de Benedito Otávio e Leopoldo Amaral, pró-construção do seu monumento tumulo; "A Virgem Guaraclaba", crítica; "Campinas", história e "A nova Louçã", romance. Fundou o jornal literário "O Lírio" e colaborou em "A Razão", "O Correio Paulistano" e "A Gazeta de Campinas".



Francisco Quirino dos Santos



Francisco
Quirino

A 14 de julho de 1841 nasceu em Campinas o jornalista e propagandista da República, Francisco Quirino dos Santos, falecido em São Paulo a 6 de maio de 1886. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, foi advogado em sua terra e posteriormente, em 1865, promotor público em Santos. Demitido em 1867 "a dem do serviço publico", por motivos políticos, voltou a Campinas, onde tornou a montar banca de advogado. Literato e orador, publicou numerosos trabalhos de poesia, dramas, romances, critica e historia. Foi colaborador de diversos jornais, como o "Correio Paulistano", "A Razão", "A Gazeta de Campinas", tendo fundado o jornal literario "O Lírio". Eleito deputado provincial, desenvolveu brilhante atuação parlamentar. Foi socio de quase todas as instituições culturais de São Paulo e pertencia, como membro correspondente, à Sociedade de Geografia de Lisboa. Algumas de suas obras: "A Judia" (drama), "A Virgem Guaraciaba" (Critica), "Estrelas Errantes" (poesia), "A Nova Louzã" (romance), "Campinas" (noticia historica).



do segundo casamento, Francisco Quirino dos Santos, fundador da imprensa regular em Campinas, nasceu em nossa cidade a 14 de julho de 1841 e faleceu em São Paulo, a 6 de maio de 1886.

Foi poeta, advogado e jornalista. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, exerceu advocacia em Campinas, transferindo-se posteriormente para Santos por ter sido nomeado promotor público.

Foi membro ativo da Sociedade de Geografia de Lisboa. Em 21 de julho de 1869, iniciou a publicação da Gazeta de Campinas com a cooperação financeira do seu sogro Capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques. O jornal foi, durante algum tempo, um veículo de divulgação dos ideais republicanos.

O dr. Quirino, em 1886, foi eleito deputado provincial, desenvolvendo grande atividade como parlamentar. Foi abolicionista, propagandista da república, orador, dramaturgo e romancista.

Escreveu "A Judia", drama, e "Estrela Errante", poesia, sendo que este o notabilizou em Lisboa. Foi reeditado por três vezes, sendo a última por iniciativa de Benedicto Otavio e Leopoldo Amaral pró construção do seu monumento túmulo. Escreveu também "A Virgem Guaraciaba" e a "Nova Louca". Fundou o jornal literário "O Lírio", colaborando também em "A Razão" e no "Correio Paulistano".

DR. FRANCISCO QUIRINO DOS SANTOS

No dia 20 de maio de 1886, por proposta do vereador Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva, a rua do Comércio, no centro de Campinas, passou a se chamar rua dr. Quirino, em homenagem ao dr. Francisco Quirino dos Santos.

Filho do Major Joaquim Quirino dos Santos.



Francisco Quirino e a Gazeta de Campinas

O conspicuo José Roberto de Azevedo Marques, fundador do "Correio Paulistano", que tinha a paixão do ofício e a acuidade de um grande jornalista, muito embora não chegasse a grande redator, acompanhando a vida brilhante de Quirino dos Santos no curso acadêmico, as suas agitações das rodas literárias e as suas impetuosas escaramuças na campanha abolicionista, percebeu nele as qualidades que, então, mais recomendavam o jornalista ao conceito público.

Acolhendo-o, no "Correio Paulistano" quando Quirino ainda cursava a Academia de Direito, e tendo-o depois como genro, era natural que o velho jornalista desse ao genro o estilístico arrebatado nas colúneas de expandir o seu estro nas de um outro jornal, nos trabalhos da propaganda. Campinas era o centro indicado para esse lançamento: cidade importante do Interior e centro de convergência de tropeiros, viajantes e abridores de fazendas que não chegavam a São Paulo, possuindo, já então, vida própria e das melhores, e um alicerce de numerosas e sólidas fortunas particulares, era ali que ele sentiu que o novo jornal devia ser lançado. Nasceu, então, a "Gazeta de Campinas", a 31 de outubro de 1869 e conseguiu, de início, 500 assinantes, número positivamente animador, porque o "Correio Paulistano", jornal da capital, levava sua tiragem a pouco mais de 1.500. Ao jornal acorreram os componentes das antigas "republicas" estudantinas, já então formados, e em plena atividade — Campos Sales, Jorge Miranda, Bernardino de Campos, João Quirino, aos quais vieram juntar-se logo, em correspondência ou colaboração regular, amigos de cidades distantes e o grupo propagandista da Corte, que reconhecia em Quirino um dos seus mais denodados "pilotos". José Maria Lisboa, que Alberto Faria chamava de "prodígio de atividade operosa" exercia a gerência, polcia a tipografia, arrecadava assinaturas, sugeria planos de publicidade, colaborava em seções do noticiário e ia adestrando uma turma de novatos que, mais tarde, ganhariam esporas de cavaleiros para as complicadas lides do jornalismo quotidiano. E, além de tudo isso, quando era preciso, em ocasiões de apêto, "batia tipo", pois era ágil tipógrafo e secundava os trabalhos de Hilario Magro Junior e João Carneiro da Silva Braga, que eram os dois tipógrafos efetivos do jornal.

Além dos assinantes tinha o jornal boa venda avulsas, pois o engenhoso Lisboa instituiu a novidade de mandar à rua um mulato esgalgado e lépido que embocava uma estridente corneta de caça, com fita verde e amarela, sobraçando um maço de "Gazetas" e procurando interessar, muitas vezes com pregões e falas de leiloeiro os transeuntes curiosos, na aquisição do seu jornal. Por esse ofício ganhou ele a alcunha de "Luiz Corneta". Viveu muito. Eu ainda o alcancei e conheci, nos seus últimos anos: trabalhava em decorações de igrejas e de enterros de gala, tocava um instrumento qualquer em cerimônias religiosas e desempenhava a contento funções de copista de cartório e de avaliador judicial; mas dava solenes estritos, com adequados palavões, se os garotos de rua ou os meninos de escola, sabedores de suas birras, lhe perguntavam, chasqueando: — O' Luiz, onde está a corneta? Ele dava o paradeiro — mas o paradeiro era obscuro; e certamente não correspondia ao lugar exato em que aquele trofeu de épocas distantes estava dependurado...

Com a morte de João Quirino do Nascimento, em 71, que desfalcava o grupo de um companheiro que era o irmão dileto de Chico Quirino e, como ele, poeta e escritor de pulso, gestor financeiro dos negócios do seu escritório de advocacia, a "Gazeta" se cobriu de luto, logo aliviado com a entrada de Americo Brasiliense para aquela vaga. A seguir entrava para o jornal Francisco Rangel Pestana, segundo do poeta Carlos Ferreira, a quem estava reservado o destino de levar o jornal, após a morte de Chico Quirino, até seus últimos dias.

De 75 em diante o corpo de redatores e colaboradores foi crescendo e chegou a ser dos melhores do nosso país. Além do sexteto já mencionado, entraram a colaborar na "Gazeta" João Vieira de Almeida, Julio Ribeiro, Valentim da Silveira Lopes, Miranda Azevedo, Francisco Glicerio, Francisco da Costa Carvalho, João Alberto Sales, Pedro Sanches de Lemos, Martim Francisco, Silveira Jardim e a turma dos novos, que foi sendo renovada, de ano para ano, com Hipolito da Silva, Tomaz Alves, Julio de Mesquita, Antonio A. da Costa Carvalho, Alfredo Pujol, Antonio José Lobo, Herculanio de Pretas, d. Julia Lopes e Otavio Mendes. Leopoldo Amaral iniciou a atividade de "reportagens" e, sob a orientação de Carlos Ferreira, alargou a atividade para as crônicas humorísticas, abrindo uma seção que, durante mais de um ano trouxe intrigados os leitores, que procuravam saber qual o jornalista que se ocultava atrás do pseudônimo "A. D'umas Figas".

Quirino dos Santos sucumbia-se da parte literária, na qual ninguém o excedia. Seu estilo, como já alguém observou, era o de um jornalista que escrevia sempre em verso, mesmo que o fizesse em prosa. A linguagem era cheia de tropos, de apóstrofes retumbantes, de imagens arrojadas, no estilo da oratória grandiloquente que estava na moda e fazia fremir de gozo os leitores do jornal, como fazia estremecer em arrepios de entusiasmo os ouvintes dos seus discursos.

Quando se inaugurou a estrada de ferro da Companhia Paulista, trecho inicial de Jundiaí a Campinas, a 11 de agosto de 1872, foi nestes termos que a "Gazeta" noticiou a chegada, a Campinas, do primeiro trem, que daqui levava a comitiva oficial, com o presidente da Província, diretoria da estrada, convidados e jornalistas:

"Contavam-se três horas e meia quando um estremecimento estranho veio eletrizar em todos os sentidos aquela multidão enorme: ouviu-se longínquo um rugido estridente e os ecos repercutiram pelas nossas belas campinas o ferreo galopar do misterioso hipogrifo. O que se passou nesse instante

QAM



foi uma coisa que não se diz: sonha-se ou vê-se.

Grandolas, foguetes, baterias, aclamações, musicas, tudo se ergueu num ímpeto tão sublime como a própria alma do povo, a perder-se numa vertigem de alegria indefinida. Espetáculo maravilhoso! Entusiasmo assim não se prepara: nasce de si mesmo, como a lava no seio dos vulcões para esbrasear a face das montanhas e derramar o calor e o brilho pela atmosfera incendiada...

E a notícia, do próprio punho de Quirino, segue com esse palavroso e tímido que certamente fez revibrar de gozo os leitores do jornal.

∴

Ao lado de composições estrondosas como essa, de que a 'Gazeta' está continuamente enriquecida, nas notícias de festas da cidade — inauguração da Matriz-Nova, da Santa Casa de Misericórdia, de uma exposição agrícola, conferências de propaganda abolicionista e outras — tinha o jornal suas secções de polemicas, algumas delas levadas a debates candentes que dão ainda agora a medida do calor e do ímpeto dos contendores.

Os jornais dos partidos monarchicos tinham o seu corpo de redatores, alguns deles justamente acatados: "O Constitucional", do partido conservador, redatoriado pelos drs. João Gabriel de Moraes Navarro e Luiz Silverio Alves Cruz; a "Tribuna Liberal" do partido liberal, dirigido pelos drs. João Egidio de Sousa Aranha, Policarpo de Queiroz e Carlos Norberto de Sousa Aranha. Eram jornais diários, todos os três: Além deles, ali por 1855, surgiu à tona da publicidade o "Diário de Campinas", no qual se reuniram um brasileiro e dois portugueses que com o correr dos anos, alcançariam na imprensa campineira um posto de maior relevo do que os órgãos monarchistas, chegando, nelgumas campanhas, a emparelhar com a "Gazeta", por todos considerada o melhor, mais variado e prestigioso jornal da terra. Chamavam-se esses jornalistas Antonio Sarmiento, Henrique de Barcelos e José Gonçalves Pinheiro. Declarava-se órgão independente, era abolicionista, mas troçava os republicanos da "Gazeta" e algumas vezes com eles se empenhava em debates venenosos. Como corolario dessas contendas impressas, chegaram algumas vezes, a bate-boca de rua com o corolario de tropelias e bengaladas. O bloco republicano, com Campos Sales, João Alberto e Quirino levava vantagem nesses embates musculares.

Como, porém, Quirino dos Santos não consentia que o seu jornal modelado pelo jornal do sogro, baixasse o tom das polemicas ao nível rasteiro para o qual era desafiado, teve a idéa de lançar uma espécie de filhote, folha humoristica impressa nas oficinas da "Gazeta" e denominada "O Coaraci". O "Diário de Campinas" recorreu ao mesmo expediente e lançou, de suas oficinas, um apêndice semanal que se chamava "O Incenso". Aquele era especialmente redigido pelo gerente da "Gazeta", Alfredo Pinheiro, e este pelo outro Pinheiro (José Gonçalves), do "Diário". Época de eleições; remoques; apellidos; tiradas de

ridículo, de uma a outra facção. E quando o dr. Baltazar Carneiro, homem feio e desajeitado, mas possuidor de aguda intelligencia e especialista em comprar brigas alheias, entrou para o trio do "Diário", secundando Gonçalves Pinheiro no "Incenso", lançou-lhe "O Coaraci", este petardo:

Pode entrar — que eu não
[me abalo;

Pode entrar — que eu não
[empurro;

Já cá sustento um cavallo;
Sustentarei mais um burro.

O revide do outro foi violento e descambou como era comum, para referencias insultuosas, de carater pessoal, contra Alfredo Pinheiro. Não teve este vacillação: e, ao deffrontar na praça mais central da cidade o outro Pinheiro, em companhia de Sarmiento, sobre eles investiu, e fizeram larga barganha de bofetões. Quirino, passado algum tempo, determinou a extinção do moscardo espirituoso, mas provocador que brotara da sua "Gazeta", para evitar que aquele genero de polemicas tirasse ao jornal a circunspeção que este conquistara em campanhas vibrantes, mas sempre orientadas por princípios ou altos ideais politicos. A morte de três filhos, a pequeno intervalo, um deles succumbido num accidente; a falta que lhe fazia o irmão e companheiro de todos os dias, que foi João Quirino; as preoccupações da politica, no desempenho de um mandato de deputado à Assembléa Provincial, e as crises de direção e administração do jornal, em cuja gerencia se succederam amigos devotados como Alfredo Pinheiro, Pedro Franzen e outros, nenhum, porém, tão completo e efficiente como José Maria Lisboa, que se passara, então, para a gerencia da "Provincia de São Paulo" e para a edição mais ampla dos seus almanaques — tudo isso se somou e impelliu Quirino para S. Paulo, onde fixou residencia.

Temperamento afetivo, derramando em ternuras com os filhos, mas soffrendo os golpes com que aquelas mortes seguidas lhe haviam lanhado o coração; além do mais decepcionado com algumas defeccções politicas dos amigos do partido republicano — Quirino procurou consolo na conversa com as suas Musas inspiradoras. Já não era o poeta vibrante e fucundo dos primeiros tempos, mas guardava ainda, em toda a pureza, o éstro dos anos academicos que o levantava para o céu azul dos sonhadores. Morreu em S. Paulo em 1886, com 45 anos incompletos. A "Gazeta" sobreviveu-lhe três anos, sob a direção desanimada de Carlos Ferreira. Com a morte de Chico Quirino o grupo republicano soffreu um desfalque imenso que Campos Sales confessava numa das suas mais desconfortadas expansões:

"Quem poderá substituir o Quirino?" E' que os próprios companheiros sentiam que, para aquele poeta e idealista explosivo, cheio de expansões afetivas e coleras irrefreadas, mas de intelligencia clara e coação transbordante, não havia substituto.

E o poeta, que vivia a conversar com as suas "Estrelas Errantes", certamente reatou a conversa com os filhos aos quais se foi juntar, num mundo melhor, aligeirado de penas e sofrimentos.

Cam



Francisco Quirino dos Santos, nasceu em Campinas a 14 de Julho de 1841, na fazenda do Bom Sucesso, então pertencente a seu pai, e hoje de propriedade de seu irmão o sr. capitão José Quirino dos Santos Simões.

Falecendo em São Paulo, a 6 de Maio de 1886, contava portanto, 45 anos incompletos.

Foram seus progenitores o major Joaquim Quirino dos Santos e a exma. sra. d. Maria Francisca de Paula Simões, ambos hoje falecidos.

A família Quirino dos Santos é ainda uma das mais importantes famílias de Campinas, tanto pela vestidão do parentesco como pela respeitabilidade tradicional.

Francisco Quirino dos Santos foi o prototipo dessa geração prolífica e ilustre,

Nascido 38 anos depois da queda da Bastilha, Quirino dos Santos, como que herdou as recordações históricas que se ligam ao glorioso dia de seu nascimento.

Foi sempre um trabalhador indefesso, democrata esforçado e inquebrantável.

Antes de entrarmos na sua vida literária, tão rica, tão brilhante, que lhe deu as proporções de um vulto notável no seu país, seja-nos permitido delinear rapidamente o homem nas suas relações sociais, o chefe de família nas suas afeições mais íntimas.

Quirino dos Santos foi na acepção lata da palavra, um belo character. Amigo delicado e adversário generoso, viveu sempre aureolado pelo mais invejável prestígio.

Nas suas relações menos íntimas era afável, sem perda de uma certa circunspeção que dava ao seu trato um tom de gravidade respeitosa. No convívio de seus amigos, Quirino dos Santos, era o major, (posto que ocupava seu pai na guarda nacional) expansivo, jovial, cativante.

Trabalhador incansável, chegou a possuir aultada fortuna ganha pela sua profissão de advogado, que éle souve sempre honrar e enobrecer.

Nos últimos anos de sua vida, porém, envolvendo-se em negócios agrícolas perdeu o melhor do que possuuiu, deixando em precárias circunstâncias sua mulher e filhos.

Como chefe de família, Quirino dos Santos, foi esposo exemplar, pai arantíssimo e dedicado. Do seu afeto paternal falam bem alto algumas vicissitudes porque passou, e que dão o exemplo dolorosíssimo e característico de seu nobre e altivo coração.

Em 1878, a 29 de Junho, faleceu, vítima de um lamentável desastre o seu filho Alexandre, de 4 anos de idade. A infortunada criança estando a brincar com uma varreta de ferro, caiu ao chão tão desgraadamente que cravou a varreta na boca, vindo a falecer dias depois, no meio dos mais cruciantes e



atrozes sofrimentos.

Anos depois, Quirino a São Paulo, ali, no rebanho íntimo da família, a morte traiçoeira, arrebatou-lhe o filho de nome Leão, quando o poeta sentia ainda os espinhos a dilacerarem-lhe o coração de pai.

Quirino dos Santos conduziu o corpo daquele ente querido para Campinas, para depositá-lo no mesmo lugar onde descansavam aqueles que para ele resumiam as suas aspirações de glória.

Este doloroso acontecimento foi para o coração do extenuado pai, um golpe profundo e sem lenitivo.

Abraçado ao caixão que encerrava para ele parte de sua vida, banhado em pranto angustioso, desvairado, louco de dor, acompanhou ao cemitério o feretro querido n'um soluçar convulsivo, cruciante, doloroso, e quando o coveiro deitava as primeiras pazadas de terra sobre aquele ente que para ele resumia as suas afeições mais caras, Quirino dos Santos, atirou-se na hora mais extrema da despedida, para dentro do túmulo, donde a custo o retiraram seus amigos que o acompanhavam naquele transe aflitivo de sua vida.

Datou daí o seu retraimento das letras e o quasi abandono da imprensa. A sua sede de glória como nuvem de fumo, evaporou-se ao ultimo lampejo de vida do filho idolatrado.

Amava os seus com delírio, mas não com egoísmo. No seu grande coração havia afeto para repartir com seus inumeráveis amigos, que eram tantos quantos tiveram ocasião de privar com ele.

Esquecia-nos dizer que o dr. Francisco Quirino dos Santos, contraíu matrimônio com a exma. sra. d. Maria Cândida de Azevedo Marques, filha do primitivo proprietário do "Correio Paulistano", sr. capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Efetuou-se o casamento no dia 16 de Abril de 1864 e desse feliz enlace provieram os seguintes filhos:

Felix, nascido em 1865 (falecido)
 Maria, nascida em 1867 (falecida)
 Helena, nascida em 1868 (falecida)
 José, que vive e conta atualmente 17 anos.
 Alexandre que como já dissemos faleceu de desastre,
 Ester, que vive e conta hoje 12 anos.
 Leão, que faleceu inopinadamente na capital, como deixamos

dito.

Cristina, que tem hoje 8 anos.
 Ana, que conta apenas 3 anos.

Dos dez filhos nascidos, vivem portanto ainda cinco, um dos quais o mais velho, como se verá adiante pela honrosa referência que lhe faz o "Diário Mercantil", parece ser o herdeiro da vigorosa intelectualidade de seu saudoso pai.

Há bem pouco tempo que o dr. Francisco Quirino dos Santos resvalou para o túmulo. Muitos jornais lembraram o lútuoso acontecimento e, amigos, adversários de outras eras, ou simples indiferentes, todos conferiram em memória de Quirino dos Santos palavras elogísticas do seu talento, da sua honrada benemerência, de envolta com as pungentes saudades que ele deixou em todos os corações, durante a sua curta peregrinação neste mundo de desenganos e amargores.



Dr. Quirino

O dr. Francisco Quirino dos Santos, fundador da imprensa regular em Campinas, nascido em Campinas, aos 14 de julho de 1841, e falecido na cidade de São Paulo, aos 6 de maio de 1886, era filho de Joaquim Quirino dos Santos e de d. Maria Francisca de Paula Santos.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1863, exerceu a advocacia em nossa terra, sendo transferido para a cidade de Santos, por ter sido nomeado promotor público da terra de Bras Cubas. Foi membro ativo da Sociedade de Geografia de Lisboa, e em 1869, iniciou a publicação da "Gazeta de Campinas", indo até o ano de 1886, quando passou a exercer exclusivamente a profissão forense. Neste mesmo ano, foi eleito deputado provincial, desenvolvendo grande atividade como parlamentar. Foi abolicionista e propagandista da República.

Peias suas grandes qualidades de orador, dramaturgo e romancista, deixou muitas publicações, e entre elas temos: "A juria" — drama —; "Estrelas Errantes" — publicação que se notabilizou em Portugal —; "Virgem Guaraciaba" — crítica; e outras mais.

Fundou o jornal literário, "O Lirio", e colaborou em "A Razão", "Correio Paulistano", e "A Gazeta de Campinas".

CM



Francisco Quirino dos Santos



Francisco Quirino dos Santos

A 6 de maio de 1886 faleceu em São Paulo o poeta, jornalista e tribuno republicano Francisco Quirino dos Santos, nascido em Campinas no dia 14 de julho de 1841. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, exerceu a advocacia em sua cidade natal, de que se afastou quando foi nomeado promotor público em Santos (1865). Demitido desse cargo em 1867, por motivos políticos, voltou a Campinas continuando a advogar. Eleito deputado provincial, desenvolveu brilhante atuação parlamentar. Quando ainda estudante, fundou, com Rangel Pestana, o jornal "O Lírio", de feição literária romântica. Colaborou em vários jornais, como o "Correio Paulistano", "A Razão", a "Gazeta de Campinas". Como poeta e escritor, escreveu com o livro de versos "Estrela Errante", muito bem acolhido pela crítica. Escreveu ainda o drama "A Judia", "A Virgem Guaraciaba", uma apreciação crítico-literária do romance de Pinheiro Chagas de igual título, "Campinas", histórico, e o romance "A Nova Louzã". Foi um dos fundadores do Partido Republicano de São Paulo. Era sócio de quase todas as instituições culturais de São Paulo e pertencia, como membro correspondente, à Sociedade de Geografia de Lisboa.